

BASES DE DADOS E HISTORIOGRAFIA ATLÂNTICA: UMA LEITURA A PARTIR DOS REPOSITÓRIOS *BRASILHIS DATABASE* E *SLAVE VOYAGES*

*Databases and Atlantic Historiography: A Reading through the
Brasilhis Database e Slave Voyages*

*Bases de datos e historiografía atlántica: una lectura a partir de los repositorios
Brasilhis Database y Slave Voyages*

Ana Luiza Baldin Fidelis¹
José Alexandre Bail Kazienko²

Resumo: Nas últimas décadas, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) transformaram significativamente a forma como produzimos e acessamos o conhecimento histórico. A digitalização de acervos e a criação de plataformas especializadas tornaram-se recursos importantes para a pesquisa em História. Nessa pesquisa, buscamos refletir sobre o uso das bases de dados digitais na pesquisa histórica, com ênfase na História do Atlântico, particularmente no período da União Ibérica (1580–1640), analisando dois repositórios de destaque: a *Brasilhis Database* e o *Slave Voyages*. A *Brasilhis* reúne informações sobre a América Portuguesa durante a monarquia dos Habsburgo (1580–1640), mapeando os trânsitos de indivíduos entre os territórios da América, e evidenciando as redes políticas, comerciais e religiosas do período. Já o *Slave Voyages* compila dados sobre o tráfico atlântico de africanos escravizados, permitindo o acesso a registros sobre o trânsito de mais de 12 milhões de pessoas envolvidas nesse processo. O objetivo é compreender como essas bases, ao organizar e cruzar dados sobre mobilidades e conexões atlânticas, contribuem para renovar a pesquisa histórica.

Palavras-chave: TICs. História Atlântica. Base de Dados.

Abstract: In recent decades, Information and Communication Technologies (ICTs) have significantly transformed the way historical knowledge is produced and accessed. The digitization of archives and the development of specialized platforms have become important tools for historical research. This study aims to reflect on the use of digital databases in

¹ Mestranda em História (PPGHIS-UFPR). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: analuizabaldinf@gmail.com; Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3904199229066039>; Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0008-5537-986X>.

² Mestrando em História (PPGHIS-UFPR). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: analuizabaldinf@gmail.com. E-mail: josealexandrebk@gmail.com; Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3528236161251858>; Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0007-5417-0637>.

historical inquiry, with an emphasis on Atlantic History, particularly during the period of the Iberian Union (1580–1640), by analyzing two key repositories: Brasilhis Database and Slave Voyages. Brasilhis Database gathers information about Portuguese America under Habsburg rule (1580–1640), mapping the movements of individuals across American territories and highlighting the political, commercial, and religious networks of the period. Slave Voyages, in turn, compiles data on the transatlantic trafficking of enslaved Africans, granting access to records concerning the displacement of over 12 million people involved in this process. The aim is to understand how these databases, by organizing and cross-referencing data on mobility and Atlantic connections, contribute to renewing historical research.

Keywords: ICTs. Atlantic History. Database.

Resumen: En las últimas décadas, las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) han transformado significativamente la manera en que se produce y se accede al conocimiento histórico. La digitalización de archivos y la creación de plataformas especializadas se han convertido en herramientas fundamentales para la investigación en Historia. Este estudio busca reflexionar sobre el uso de bases de datos digitales en la investigación histórica, con énfasis en la Historia del Atlántico, particularmente durante el período de la Unión Ibérica (1580–1640), a partir del análisis de dos repositorios destacados: Brasilhis Database y Slave Voyages. Brasilhis Database reúne información sobre América Portuguesa bajo el dominio de los Habsburgo (1580–1640), mapeando los tránsitos de individuos entre distintos territorios americanos y evidenciando las redes políticas, comerciales y religiosas del período. Por su parte, Slave Voyages compila datos sobre el tráfico atlántico de africanos esclavizados, permitiendo el acceso a registros sobre el desplazamiento de más de 12 millones de personas involucradas en este proceso. El objetivo es comprender cómo estas bases, al organizar y cruzar datos sobre movilidades y conexiones atlánticas, contribuyen a renovar la investigación histórica.

Palabras clave: TIC. Historia Atlántica. Base de datos.

Introdução

Nas últimas décadas, temos assistido a uma intensificação do papel das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no cotidiano, marcando profundamente não apenas os modos de vida contemporâneos, mas também os processos de produção, circulação e acesso ao conhecimento. A massificação dos computadores e de dispositivos móveis conectados à internet transformou radicalmente a forma como interagimos com informações, notícias e conteúdos especializados. Nesse novo cenário, a História não escapa às reconfigurações tecnológicas que afetam todo o campo das ciências humanas. O surgimento de repositórios digitais, bancos de dados e plataformas interativas vem alterando significativamente as práticas de pesquisa, leitura e interpretação no ofício do historiador.

As Humanidades Digitais configuram um campo interdisciplinar que integra métodos computacionais às questões e objetos das Humanidades, tanto para expandir repertórios

metodológicos quanto para reconfigurar práticas de pesquisa, ensino e difusão. Enquanto Hockey (2004) as define como a incorporação sistemática de metodologias digitais na investigação humanística, porém destaca-se que essa mobiliza ferramentas, fontes e procedimentos digitais para ampliar o potencial analítico e comunicacional das áreas.

Contudo, a “computação nas humanidades” antecede a própria rotulagem “Humanidades Digitais”. Nos anos 1960–1970, predominam a análise de corpora e os primeiros experimentos quantitativos. Entre 1980 e 1990, a popularização do computador pessoal e o aumento do poder de processamento permitem a ampliação de bases de dados, a circulação de recursos digitais e o início de projetos de digitalização em maior escala, ainda com forte apoio de departamentos de informática. Nos anos 1990 e início dos 2000, a consolidação de repositórios online, ferramentas de análise textual e práticas colaborativas prepara o terreno para uma adoção mais ampla. O ponto de inflexão ocorre por volta de 2005, com a Web 2.0: redes e plataformas passam a intensificar a colaboração, a abertura e a difusão de resultados. Apesar das resistências muitas vezes associadas a preocupações com critérios de validação e autoridade, o campo se consolida ao combinar rigor metodológico, transparência e engajamento público, especialmente entre pesquisadores formados no ecossistema digital (Alves, 2016; Hockey, 2004).

Diante da crescente organização e abundância de dados digitais, emerge uma questão central: como essas transformações impactam a maneira de fazer história? No caso específico da historiografia atlântica, marcada por sua vocação multiespacial e pela multiplicidade de fontes dispersas entre continentes, o advento das bases de dados digitais facilita o acesso aos registros, além de auxiliar os modos de construir o conhecimento histórico. Este artigo propõe refletir sobre essas mudanças a partir da análise de duas plataformas digitais amplamente reconhecidas: a *Brasilhis Database*, que mapeia redes de mobilidade e circulação na América Portuguesa durante a União Ibérica, e o *Slave Voyages*, que organiza dados do tráfico atlântico de pessoas escravizadas. Ao examinar essas ferramentas, busca-se compreender de que modo as bases de dados digitais desafiam e ampliam os horizontes da historiografia atlântica, tensionando a relação entre técnica, fonte e narrativa.

Novas práticas da historiografia *atlanticista*

Já não é novidade que, a partir do final do século XV, o oceano Atlântico passou a

configurar-se como um espaço estratégico de interligação entre diferentes partes do mundo, estabelecendo conexões entre povos, culturas e etnias diversas. Como já apontou Fernand Braudel (1992), o Atlântico funda a modernidade ocidental ao reorientar a expansão marítima europeia e deslocar as relações político-econômicas que antes gravitavam em torno do Mediterrâneo, um sistema circulatório fechado, sustentado por conexões milenares com o norte da África e a Ásia, para a vastidão do Mar Oceano, que passou a articular a África subsaariana, as Américas e novas rotas para a Índia e o Extremo Oriente.

O mundo atlântico, nesse sentido, revela-se um universo dinâmico e multifacetado, repleto de sugestões e possibilidades de investigação, marcado por uma complexa rede de relações culturais sem as quais não se pode compreender plenamente a constituição do mundo moderno. O que num primeiro momento despertou curiosidade e fascínio, como toda novidade revestida de exotismo, rapidamente se converteu em um processo de intercâmbio cultural profundo, cujos desdobramentos seriam vastos e imprevisíveis. Essa vasta extensão marítima desempenhou, portanto, um papel central na conformação da modernidade, ao (re)orientar a exploração marítima e ao (re)estruturar as dinâmicas que dariam origem ao sistema-mundo moderno.

No que diz respeito à escrita da história, Bonciani e Vilardaga (2024, p. 179) observam que a historiografia sobre a expansão europeia a partir do Atlântico desenvolveu-se por distintos caminhos interpretativos, mas consolidou-se, principalmente, em torno de duas grandes tradições. A primeira, vinculada à escola francesa dos Annales, delineou uma abordagem geo-histórica de longa duração, com forte ênfase nas estruturas econômicas e na análise das permanências, notoriamente influenciada pela obra de Fernand Braudel.³ A segunda tradição inscreve-se em uma perspectiva geopolítica vinculada ao pensamento imperial britânico, entrelaçando dimensões políticas e sociais para configurar o Atlântico Sul como um novo campo de investigação. Esse enfoque foi amplamente desenvolvido por Charles R. Boxer, cuja produção historiográfica exerceu papel fundamental na redefinição dos estudos atlânticos, sobretudo ao ampliar o olhar para os impérios ibéricos e seus desdobramentos coloniais.⁴

³ A obra de Fernand Braudel (1992), “O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II”, publicada em 1949, oferece um panorama geo-histórico fundamental que influenciou profundamente os estudos posteriores sobre a circularidade no espaço atlântico.

⁴ Charles R. Boxer (1973), em sua obra “Salvador de Sá e a Luta pelo Brasil e Angola”, publicada em 1952, introduziu uma leitura mais centrada nas dimensões políticas e sociais das conexões atlânticas. Ao traçar a trajetória de Salvador Correia de Sá e Benevides, Boxer evidenciou as articulações entre os espaços coloniais português e espanhol, explorando as redes de poder, os conflitos imperiais e os interesses comerciais que marcaram a presença europeia nas margens do Atlântico Sul.

A partir da década de 1990, essas abordagens passaram a dialogar com perspectivas teóricas mais recentes, que propõem uma leitura transnacional e global das experiências históricas. Tais perspectivas concentram-se nas circulações e fluxos de pessoas, ideias, instituições e linguagens, deslocando o foco das fronteiras nacionais e propondo uma análise mais conectada das interações humanas. Atualmente, os estudos atlânticos têm se orientado por referenciais metodológicos que priorizam a interconexão entre diferentes sociedades e culturas. Destacam-se, nesse cenário, três abordagens fundamentais: as histórias transnacionais; as histórias comparadas; e as histórias conectadas ou interconectadas, compreendidas como uma vertente da história social e cultural voltada à análise das "situações de contato" entre sociedades distantes (Bertrand, 2015).

Promovendo intercâmbios e diálogos entre unidades sociais, políticas e culturais em escalas local, regional e global. Afinal, o grande sentido do mundo atlântico não reside na ideia de uma civilização homogênea, mas sim no movimento e na mobilidade. O Atlântico se constituiu por meio de uma história marcada por interações, trocas e influências recíprocas, porém na maioria das vezes, assimétricas (Bonciani; Vilar, 2024, p. 202). Dessa forma, a historiografia dedicada ao estudo do mundo atlântico vem articulando, de maneira cada vez mais integrada, a variação intencional das escalas de análise (Subrahmanyam, 2012).

De um lado, a tradição prosopográfica de inspiração micro-histórica, concentra-se na reconstrução de trajetórias individuais, familiares ou empresariais, explorando suas conexões comerciais, políticas e sociais. De outro, a abordagem estrutural, de viés macro-histórico, trabalha com grandes volumes de dados agregados, buscando identificar padrões de longa duração, tendências econômicas e transformações sociais em ampla escala.

Apesar das diferenças de escopo, ambas as vertentes extraem suas informações, em grande medida, de um mesmo tipo de documentação escrita, vinculados a atividades tão diversas quanto o transporte de pessoas escravizadas, o comércio colonial, as travessias transoceânicas e as conexões locais. Para reconstruir essas dinâmicas, o historiador atlanticista precisa mobilizar um amplo repertório documental, que inclui diários de bordo, listas de chamada e de tripulação, documentos comerciais diversos (como escrituras de propriedade, apólices de seguro e conhecimentos de embarque), correspondências, listas de mercadorias e de pessoas escravizadas.

Soma-se a esse conjunto os registros produzidos por instituições intermediárias, como

cartórios, consulados, câmaras de comércio, além de fontes fiscais e administrativas, registros alfandegários, portuários, sanitários e de passaportes, por exemplo. Diante desse universo documental fragmentado e volumoso, impõe-se ao historiador o desafio de estruturar as informações de maneira ordenada, articulando diferentes escalas de análise e enfrentando lacunas, sobreposições e assimetrias presentes nos registros. Nesse contexto, a incorporação de ferramentas digitais tem se mostrado cada vez mais decisiva para dar conta da complexidade dessas fontes e para ampliar as possibilidades interpretativas da historiografia.

Humanidades Digitais e Transformações do Ofício

Nos últimos anos, com o avanço acelerado das tecnologias da informação, a historiografia tem sido cada vez mais atravessada por influências oriundas de outros campos disciplinares, ao mesmo tempo em que vivencia profundas transformações internas. Assistimos, assim, à consolidação de uma era digital cujos efeitos ultrapassam os limites do cotidiano e incidem diretamente sobre a própria prática historiográfica. Essa nova era se distingue de fases históricas anteriores por seu alcance global e pela intensidade das mudanças que provoca.

Como observa Giliard da Silva Prado (2021), diferentemente de eventos históricos passados, cujos impactos muitas vezes se restringiram a determinadas regiões, especialmente do Ocidente, ou se manifestaram de forma desigual, a revolução digital apresenta uma abrangência verdadeiramente planetária. A disseminação da internet e das tecnologias digitais associadas a ela rompeu fronteiras geográficas, ressignificou a experiência do tempo e alterou, de forma profunda, a maneira como produzimos e acessamos informações, mesmo diante das persistentes desigualdades de acesso a essas ferramentas.

Assim, os arquivos, tanto físicos quanto digitais, vêm se transformando de maneira significativa. Progressivamente, as fontes históricas passaram a ser acessadas por meio de bancos de dados, o que modifica a própria relação do historiador com o documento. O uso de tecnologias digitais no tratamento de acervos tem potencial para subsidiar as pesquisas históricas em diversos aspectos: desde a conservação e a sistematização dos dados até a consulta integrada e a exploração de novas abordagens investigativas. Hellen Tibbo (2003), destaca que o uso de arquivos digitais permite que historiadores mantenham modos tradicionais de investigação e abre caminhos para novas formas de localizar, cruzar e analisar fontes e dados.

Contudo, Edson Armando Silva (2007) alerta que as transformações nas linguagens e nos procedimentos de pesquisa, bem como na organização das fontes, inquietam parte da

comunidade historiadora. Para ele, essas mudanças podem ameaçar a própria constituição do campo, ao suscitar reações extremadas: de um lado, um otimismo ingênuo que atribui poderes quase mágicos às ferramentas digitais; de outro, um pessimismo defensivo que vê nelas uma ameaça ao saber erudito tradicional. Como sintetiza o autor, o sentimento de estranhamento frente aos procedimentos informatizados faz com que o historiador os represente ora como Merlin, ora como Mefisto, entre a ilusão do encantamento e o medo da perdição.

Já em 1975, em *A Escrita da História*, Michel de Certeau (2002) chamava atenção para os impactos do uso dos computadores na prática historiográfica. Para ele, escrever história não é apenas relatar o passado, mas construir um objeto a partir de operações técnicas e simbólicas como a seleção e transformação de fontes. Nesse processo, o computador não é só uma ferramenta auxiliar, mas um aparelho técnico e epistemológico que reorganiza o modo como o conhecimento histórico é produzido. O que Certeau chama de estabelecimento das fontes envolve tirar objetos de seu contexto original para inseri-los em um novo sistema de significados. Com os computadores, essa operação ganha uma nova dimensão: a digitalização e a programação passam a definir o que pode ser documentado, analisado e compreendido. A pesquisa histórica se submete, assim, às lógicas e limites impostos por esses sistemas técnicos.

O historiador deixa de ser apenas um intérprete e passa a atuar dentro de um ambiente em que a construção do objeto histórico depende de modelos, algoritmos e estruturas formais. As etapas da pesquisa se fragmentam em processos controlados por diferentes instâncias técnicas. Nesse novo cenário, o computador reformula o espaço da pesquisa, substituindo arquivos físicos por bancos de dados e priorizando a modelagem de informações. Mesmo diante dessas transformações, Certeau (2002) lembra que a história mantém sua especificidade: ela continua sendo a disciplina que questiona os limites do que pode ser significado. Assim, o desafio do historiador contemporâneo é repensar sua prática diante das novas tecnologias, sem renunciar a seu papel crítico.

Nas últimas décadas do século XX, quando Michel de Certeau (1925–1986) ainda escrevia, o uso de tecnologias digitais na pesquisa histórica começava a se intensificar, no entanto, ele dificilmente poderia imaginar, cinquenta anos após a publicação de *A Escrita da História* (2002[1975]), o grau de entrelaçamento entre tecnologia e prática historiográfica que hoje se observa. A inserção das ferramentas digitais tornou-se praticamente indissociável do ofício do historiador, estando presente desde as etapas iniciais de levantamento, organização e

análise das fontes até as múltiplas formas de difusão e comunicação do conhecimento histórico. Em um cenário profundamente atravessado pela digitalização, fazer história sem o apoio de recursos tecnológicos tornou-se, senão impossível, ao menos uma tarefa consideravelmente mais difícil.

O uso da internet tornou-se imprescindível para o acesso à produção acadêmica atualizada, por meio de bases de dados de periódicos científicos, geralmente disponíveis apenas em formato digital, e por repositórios que reúnem monografias, dissertações e teses de universidades ao redor do mundo muitas das quais já não mantêm versões impressas em suas bibliotecas (Prado, 2021). Esse novo campo de fontes amplia as possibilidades da pesquisa, mas também exige do historiador uma reflexão crítica sobre os impactos epistemológicos e metodológicos da mediação tecnológica em seu trabalho. Nesse cenário, as advertências de Certeau mostram-se ainda mais pertinentes: é preciso compreender que a tecnologia não apenas auxilia, mas reconfigura os modos de ver, pensar e construir a história.

A internet não se configura como um arquivo coeso, mas como uma teia caótica de informações produzidas por milhões de sujeitos anônimos, sem curadoria centralizada, sem garantias de permanência e, muitas vezes, sem critérios definidos de autenticidade. Mesmo quando nos voltamos a arquivos digitais institucionais ou repositórios acadêmicos organizados com base em princípios arquivísticos emergem desafios técnicos e epistemológicos significativos. Nesse cenário, as bases de dados digitais surgem como um campo promissor justamente por buscarem organizar e otimizar o acesso à informação. Elas permitem explorar uma gama de temas e questões de pesquisa, mostrando-se particularmente eficazes diante dos obstáculos enfrentados pelos pesquisadores do mundo atlântico, especialmente no que diz respeito à articulação de grandes volumes de dados fragmentados, heterogêneos e oriundos de múltiplas origens documentais.

Estudos de Caso: *Brasilhis Database* e *Slave Voyages*

Para compreender de forma mais concreta os impactos das bases de dados digitais no ofício do historiador atlanticista, este artigo analisa dois estudos de caso que ilustram caminhos distintos, mas complementares, no uso de tecnologias digitais aplicadas à pesquisa histórica: a *Brasilhis Database* e o *Slave Voyages*. Ambas as plataformas reúnem, organizam e disponibilizam grandes volumes de informações provenientes de fontes históricas dispersas, e oferecem aos pesquisadores recursos para explorar temas como mobilidade, circulação, redes

de poder, comércio e escravidão no contexto do mundo atlântico. Ao examinar seus funcionamentos, propostas metodológicas e possibilidades analíticas, busca-se evidenciar de que modo essas ferramentas digitais ampliam o acesso a dados, e reconfiguram a própria prática historiográfica.

Porém, em vez de tomá-las como “espelhos do arquivo”, tratamo-as como mediações historiográficas: escolhas curatoriais (proveniência, critérios de seleção, recortes temporal e espacial) e modelos de dados (tipos de registro, unidades de observação, categorias) que orientam perguntas, tensionam respostas e produzem silêncios. O contraste entre escalas é central: o *Slave Voyages* operacionaliza macroestruturas de fluxos e itinerários negreiros; a *Brasilhis Database*, por sua vez, permite seguir densidades relacionais de agentes, cargos e lugares na administração e no comércio.

A *Brasilhis Database*⁵ é uma plataforma virtual de base de dados desenvolvida pelo Prof. Dr. José Manuel Santos Pérez, titular de História da América do Departamento de História Medieval, Moderna e Contemporânea da Universidade de Salamanca (USAL - Espanha). O objetivo central da base é mapear as redes e relações de poder, circulação e mobilidade de sujeitos no Brasil durante a União Ibérica no período entre 1580 e 1640, momento qual a Coroa estava sob domínio dos Habsburgos. Atualmente, a *Brasilhis* é considerada o maior repositório mundial de informações sobre as informações sobre o Brasil na Monarquia Hispânica (1580-1640).

⁵ As informações apresentadas neste texto sobre o projeto *Brasilhis Database* foram retiradas do site oficial da plataforma. Todos os direitos sobre os conteúdos disponibilizados pertencem aos responsáveis pelo projeto. Para mais informações, ver: <https://brasilhis.usal.es>.

Figura 1 – Página de entrada do site *Brasilhis Database*



Fonte: Perez, 2025.

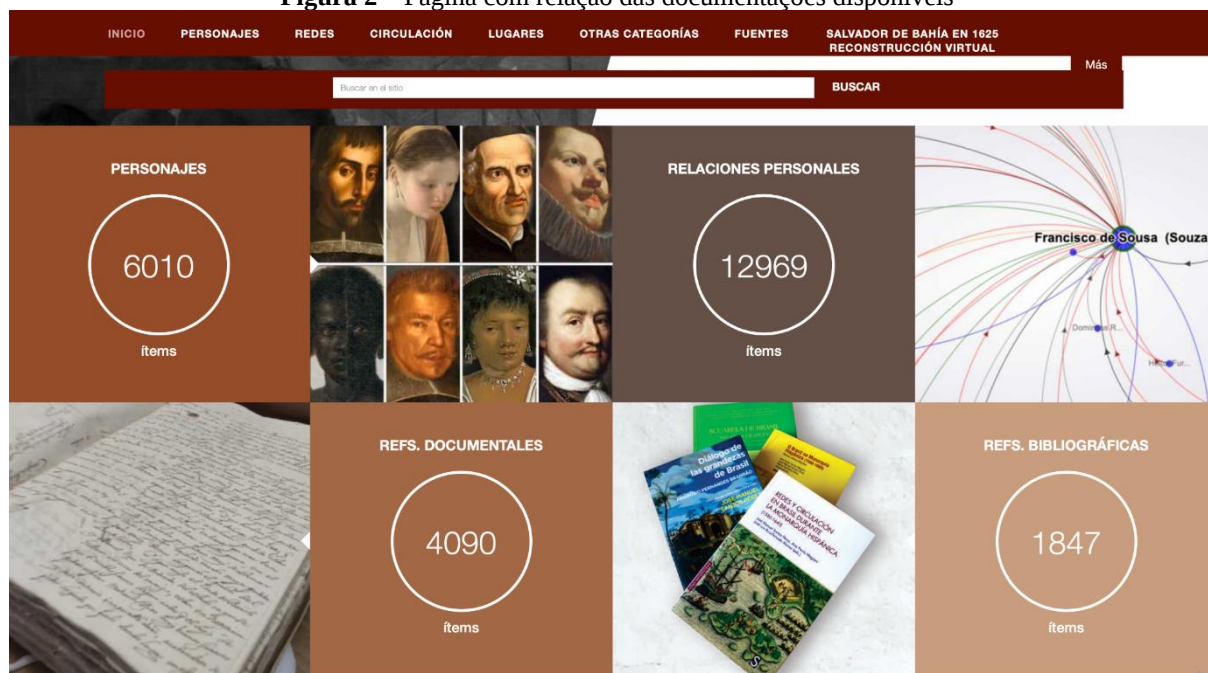
A aplicação das informações na *Brasilhis Database* é resultado do trabalho coletivo de uma rede de pesquisadores vinculados a universidades de diferentes países. Pesquisadores do Brasil, de Portugal, da Espanha e de outras regiões contribuem com a inserção e validação dos dados a partir da análise de fontes primárias. Essa estrutura colaborativa permite que o banco de dados seja constantemente ampliado e atualizado, ao mesmo tempo em que mantém critérios metodológicos comuns para a organização das informações. Cada entrada, seja um agente histórico, localidade ou vínculo institucional, é conectada a outras, formando redes que refletem a complexidade das circulações no mundo atlântico.

A plataforma está organizada em diferentes seções temáticas que permitem a exploração detalhada do mundo atlântico luso-ibérico durante o período da União Ibérica. No menu principal do site, encontram-se as categorias Personagens, Redes, Circulação e Lugares. A seção Personagens reúne perfis biográficos de agentes históricos relacionados, de alguma forma, à América Portuguesa, sejam indivíduos que atuaram diretamente na colônia, que passaram brevemente por seus territórios ou que, mesmo atuando em outras regiões do império, mantiveram vínculos com o espaço americano. Esses perfis não seguem um padrão rígido: há personagens sobre os quais se dispõe de informações detalhadas, como cargos ocupados, vínculos institucionais, locais frequentados e correspondências trocadas, enquanto outros aparecem apenas em registros pontuais, com poucos dados disponíveis. Essa variação reflete a própria natureza desigual das fontes históricas e é assumida pela base com transparência. A seção Redes permite visualizar conexões estabelecidas entre os personagens, suas funções,

instituições e locais de atuação. Já a seção Circulação se concentra nos deslocamentos registrados ao longo do território colonial e, por fim, Lugares oferece dados georreferenciados sobre cidades, vilas, portos e demais espaços que aparecem nos registros.

Complementando esse núcleo central, a base conta ainda com a seção Outras Categorias, que amplia as possibilidades de pesquisa ao incluir temas fundamentais para a compreensão da sociedade colonial. Entre essas categorias estão: Assentamentos; Cidades e vilas; Cartografia; Construções; Devoções/religiosidades; Festas/cerimônias; Guerra; Iconografia; Identidades; Instituições; Legislação; Manuscritos e impressos; Meios de transporte; Objetos e mercadorias; Propriedades e Saberes. Esses conjuntos temáticos possibilitam ao pesquisador cruzar dados materiais, culturais, simbólicos e econômicos, ampliando a capacidade de análise e interpretação. A diversidade de categorias revela o esforço da base em estruturar um acervo digital flexível, que sirva tanto para investigações prosopografias quanto para estudos sobre cultura política, religião, circulação mercantil ou redes de poder.

Figura 2 – Página com relação das documentações disponíveis



Fonte: Perez, 2025.

A proposta metodológica da *Brasilhis* parte da ideia de que o império português funcionava como uma rede dinâmica de conexões, marcada por constantes deslocamentos de pessoas, cargos, mercadorias, cartas e práticas administrativas. Ao organizar essas informações

em uma base relacional, a plataforma permite cruzar dados biográficos, identificar padrões de circulação e refletir sobre a distribuição de poder e influência no território colonial. Também possibilita questionar categorias como centro, periferia e fronteira, a partir das rotas e vínculos efetivamente registrados. O sistema oferece diferentes formas de consulta, por mapas, redes, filtros ou recortes temporais, e pode ser utilizado em diversos tipos de abordagem, como estudos prosopográficos ou análises de história conectada.

Destaca-se que para além da base de dados apresentada, o projeto *Brasilhis* expandiu para o *Brasilhis Dictionary*⁶, onde os pesquisadores que já contribuíram na plataforma foram convidados a produzirem verbetes temáticos para a montagem de um dicionário biográfico e temático do Brasil na Monarquia Hispânica no período entre 1580 e 1640.

Figura 3 - Verbetes dos Irmãos Coutinho disponível na *Brasilhis Dictionary*

The screenshot displays the 'BRASILHIS Dictionary' interface. At the top, it identifies itself as a 'DICCIONÁRIO BIOGRÁFICO E TEMÁTICO DO BRASIL NA MONARQUIA HISPÂNICA (1580-1640)' with ISSN 2952-0401. A navigation bar includes an alphabetical index (A-Z) and links for 'Personagens', 'Temas', and 'BRASILHIS Database'. The main entry is for 'IRMÃOS COUTINHO: GONÇALO VAZ COUTINHO; JOÃO RODRIGUES COUTINHO; MANUEL DE SOUSA COUTINHO (FREI LUÍS DE SOUSA)'. It includes a brief description: 'Importante família de comerciantes e traficantes de escravos do início do século XVII.' and links to their respective profiles. The entry text begins with 'O percurso dos irmãos Coutinho revela uma estratégia familiar onde o comércio e os serviços prestados no ultramar se transformaram em um fator importante para a ascensão social...' and continues with details about their family's involvement in the transatlantic slave trade and colonial administration. On the right side, there is a sidebar with a search bar, a section for 'PERSONAGEM OU TEMA DESTACADO' featuring 'CONSELHO DE PORTUGAL', and a list of 'ÚLTIMAS ADIÇÕES' including 'Manoel Botelho de Oliveira' and 'Procurador dos índios'.

Fonte: Perez, 2025.

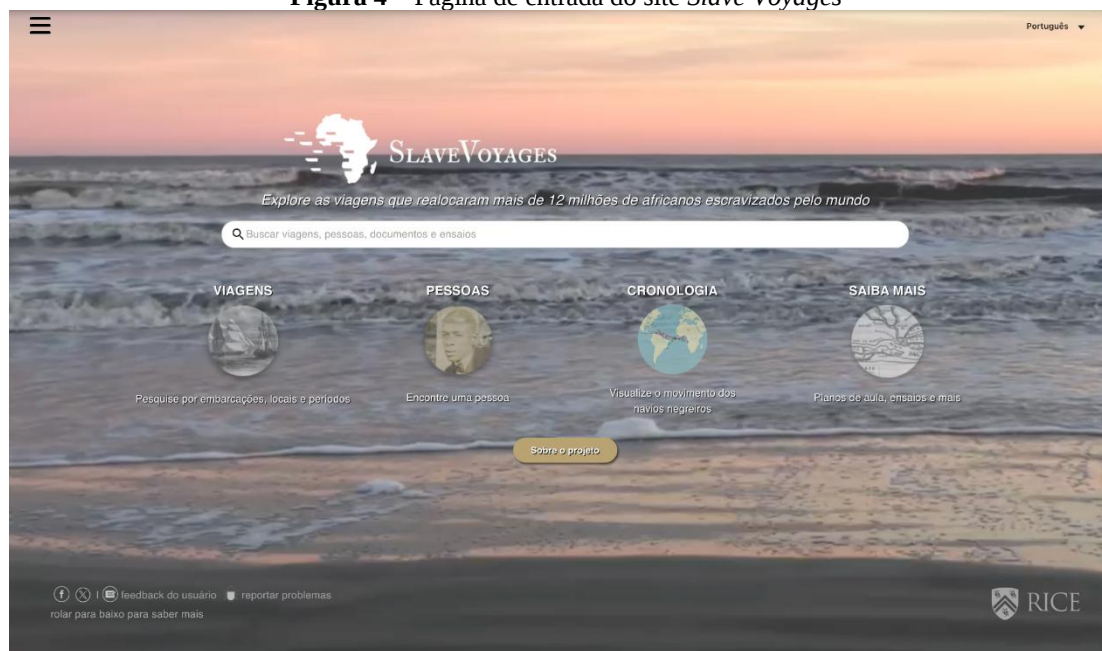
Com isso, a *Brasilhis Database* se torna um exemplo concreto dos desafios e das possibilidades que a era digital apresenta para a historiografia atlântica. Ela ajuda a lidar com

⁶ As informações apresentadas neste texto sobre o projeto *Brasilhis Dictionary* foram retiradas do site oficial da plataforma. Todos os direitos sobre os conteúdos disponibilizados pertencem aos responsáveis pelo projeto. Para mais informações, ver: <https://brasilhisdictionary.usal.es/>.

um acervo documental extenso e fragmentado, ao mesmo tempo em que fornece novas ferramentas para explorar relações, formular perguntas e repensar interpretações. Mais do que um instrumento de busca, é uma plataforma que transforma a forma como o historiador acessa, organiza e escreve o passado colonial.

Por sua vez, a base de dados *Slave Voyages*⁷ é um dos projetos mais consolidados da historiografia digital voltada ao estudo do tráfico atlântico de africanos escravizados. Desenvolvida por uma rede internacional de pesquisadores desde a década de 1990, a plataforma reúne informações sistematizadas sobre mais de 36 mil viagens transatlânticas realizadas entre os séculos XVI e XIX. Seu acervo é construído a partir de diferentes tipos de documentos históricos, como registros alfandegários, listas de carga e de embarque, correspondências comerciais, livros de bordo e arquivos portuários, totalizando dados sobre o transporte forçado de cerca de 12,5 milhões de pessoas entre a África, as Américas e a Europa.

Figura 4 – Página de entrada do site *Slave Voyages*



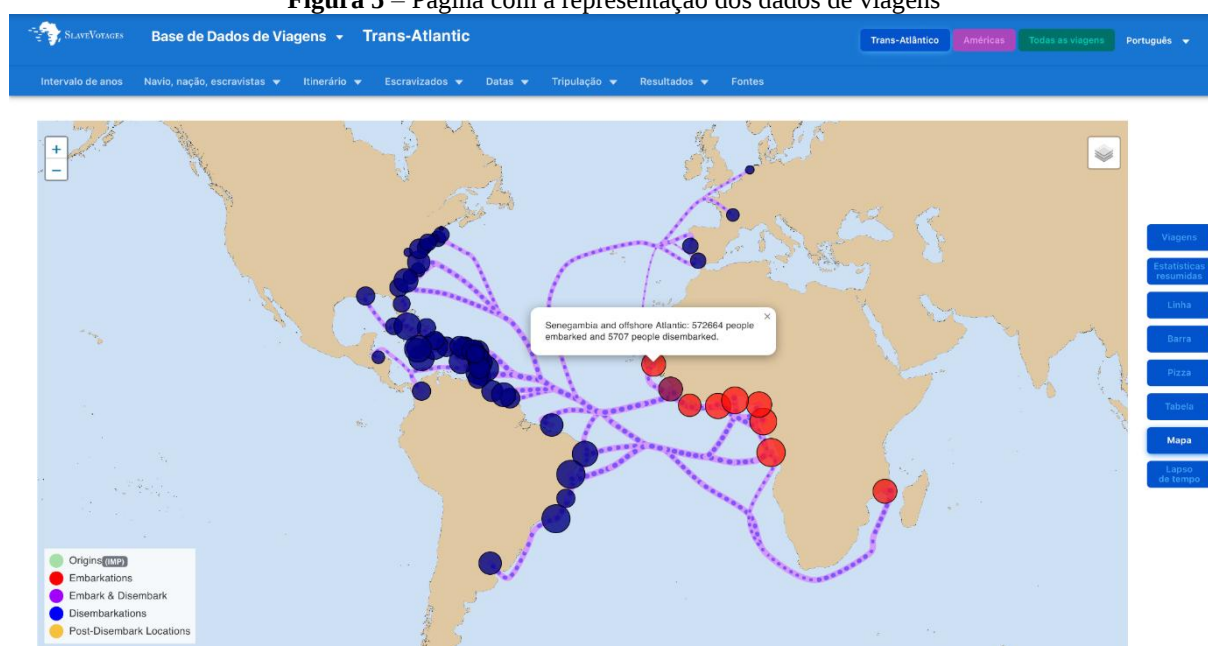
Fonte: Slave Voyages, 2025.

O diferencial metodológico do *Slave Voyages* está na capacidade de transformar um vasto conjunto de fontes fragmentadas e heterogêneas em um banco de dados relacional

⁷ As informações apresentadas neste texto sobre o projeto *Slave Voyages* foram retiradas do site oficial da plataforma. Todos os direitos sobre os conteúdos disponibilizados pertencem aos responsáveis pelo projeto. Para mais informações, ver: <https://www.slavevoyages.org>.

estruturado. Documentos originalmente produzidos em contextos administrativos, comerciais ou jurídicos, como listas de embarque, registros portuários, livros de bordo e correspondências mercantis, são organizados de modo a permitir sua integração e comparação sistemática. Essa estrutura relacional possibilita não apenas o armazenamento ordenado das informações, mas também o cruzamento entre variáveis diversas, como datas, portos, embarcações, nacionalidades e números de pessoas embarcadas, desembarcadas ou falecidas durante a travessia. Ao fazer isso, a base oferece ao historiador uma possibilidade metodológica que seria extremamente difícil de realizar manualmente com os mesmos documentos dispersos.

Figura 5 – Página com a representação dos dados de viagens



Fonte: Slave Voyages, 2025.

Além disso, a plataforma disponibiliza uma série de ferramentas de visualização interativa que ampliam a capacidade analítica do pesquisador. Mapas georreferenciados permitem rastrear as rotas percorridas pelos navios; fluxogramas revelam o volume e a direção dos fluxos de pessoas escravizadas; gráficos e tabelas facilitam a identificação de padrões temporais e espaciais, incluindo variações ao longo dos séculos, nacionalidades predominantes das embarcações e estimativas de mortalidade durante as travessias. Esses recursos não apenas tornam os dados mais acessíveis, mas também abrem espaço para novas perguntas e interpretações sobre o funcionamento do sistema escravista atlântico.

Nos últimos anos, o escopo do projeto foi ampliado com a incorporação de novas bases complementares. Em 2020, foi lançada a *Intra-American Slave Trade Database*, que

documenta os deslocamentos forçados dentro do continente americano, após a chegada dos africanos aos portos das Américas. Já em 2021, foi criada a seção *People of the Atlantic Slave Trade*, que reúne iniciativas como a *African Origins Database*, com registros nominais de cerca de 100 mil africanos libertados de navios negreiros, e a *Oceans of Kinfolk Database*, com informações sobre mais de 63 mil pessoas traficadas para Nova Orleans, incluindo dados sobre seus captores e rotas.

A manutenção e o desenvolvimento contínuo do *Slave Voyages* são garantidos por um consórcio internacional de instituições. Desde 2021, esse consórcio reúne oito organizações: *Emory University* (instituição fundadora), *Rice University* (atual responsável pelo site), *University of California* (Berkeley, Irvine e Santa Cruz), *Harvard University*, o *National Museum of African American History and Culture*, o *Omohundro Institute of Early American History & Culture*, a *University of the West Indies at Cave Hill* (Barbados) e a *Washington University*.

Mais do que um exercício de quantificação, o *Slave Voyages* contribui para historicizar o tráfico em sua complexidade, evidenciando fluxos, rupturas e continuidades ao longo do tempo. A base é especialmente útil para abordagens comparativas, transnacionais e conectadas, ao permitir a exploração das redes entre agentes mercantis, instituições coloniais e circuitos atlânticos. Também fornece subsídios relevantes para pesquisas sobre trajetórias individuais e experiências de pessoas escravizadas.

Assim como a *Brasilhis Database*, o *Slave Voyages* não deve ser visto apenas como um instrumento técnico de consulta, mas como um ambiente digital que transforma a forma de fazer história. Sua contribuição vai além da organização de dados: ela impacta diretamente a maneira como se constroem perguntas, se interpretam fontes e se escrevem narrativas históricas. Ao integrar tecnologia, documentação e método, o projeto exemplifica como as bases de dados digitais estão redefinindo os caminhos da historiografia atlântica contemporânea.

Limites e Tensões

Apesar dos inúmeros benefícios que as bases de dados oferecem ao ofício do historiador, é fundamental reconhecer também seus limites e tensões. Como toda ferramenta de apoio à pesquisa histórica, essas plataformas não estão isentas de condicionamentos epistemológicos. Um dos principais riscos associados ao uso de bases de dados digitais é a ilusão de totalidade:

ao apresentar grandes volumes de informações organizadas e acessíveis, elas podem induzir o pesquisador a acreditar que está diante da totalidade dos fenômenos históricos quando, na verdade, esses dados são apenas fragmentos selecionados, filtrados e estruturados por escolhas humanas.

As bases de dados são alimentadas por equipes de investigadores que, consciente ou inconscientemente, operam recortes temáticos, temporais e geográficos. Além disso, há os próprios limites impostos pela disponibilidade documental: é praticamente impossível mensurar com exatidão o fluxo completo de pessoas que cruzaram o Atlântico, como no caso da *Slave Voyages*, ou a totalidade das redes de mobilidade e agência na América Portuguesa durante a monarquia dos Habsburgo, como propõe a *Brasilhis Database*. Esse processo de curadoria inevitavelmente produz vazios documentais que, se não forem criticamente reconhecidos, podem levar à invisibilização de sujeitos históricos, sobretudo aqueles tradicionalmente marginalizados nos registros escritos, como populações negras, indígenas, mulheres e trabalhadores anônimos.

Além dos limites epistemológicos já mencionados, é preciso considerar também as desigualdades geográficas e institucionais que atravessam o campo das bases de dados digitais. Grande parte dessas plataformas está localizada em instituições do Norte Global, e são alimentadas, em sua maioria, por acervos massivamente digitalizados provenientes de arquivos europeus. Esse desequilíbrio material molda diretamente os temas pesquisados em História, já que os historiadores tendem a direcionar seus objetos de estudo com base no que está disponível digitalmente. Enquanto isso, acervos menores, locais ou não digitalizados, frequentemente situados em países periféricos, permanecem esquecidos ou inacessíveis, contribuindo para um apagamento silencioso de experiências históricas menos visíveis.

Em outras palavras, corremos o risco de produzir uma "história por algoritmo", em que o que é mais facilmente acessível se impõe como dominante, enquanto o restante desaparece na invisibilidade digital. Isso impõe desafios não apenas metodológicos, mas também ético-políticos. É fundamental compreender que o processo de digitalização nas ciências humanas não é neutro: ele reflete e aprofunda desigualdades já existentes — seja entre classes sociais (como a disparidade entre grandes centros urbanos e regiões periféricas), seja entre países (por exemplo, entre a Europa e o continente africano). Essa assimetria de acesso pode reforçar o isolamento epistêmico de comunidades e sociedades que permanecem à margem da

digitalização, limitando sua presença nos circuitos globais de produção e circulação do conhecimento histórico.

Outro risco importante é o da homogeneização e apagamento das singularidades, quando a história passa a ser contada exclusivamente a partir de dados agregados, estatísticas e visualizações generalizantes. Ao privilegiar tendências macro e representações quantitativas, corre-se o perigo de reduzir a complexidade do passado a padrões uniformes, silenciando a diversidade de experiências e a agência de sujeitos que escapam à lógica dos grandes números. Por isso, é fundamental que o historiador mantenha uma postura crítica diante das bases de dados, compreendendo-as como construções interpretativas que, embora valiosas, exigem leitura atenta, contextualização e cruzamento com outras fontes e abordagens.

Diante desses desafios, impõe-se uma crítica historiográfica constante no uso das bases de dados digitais. É preciso lembrar que o dado não fala por si: ele é sempre o resultado de uma construção fruto de decisões metodológicas, seleções documentais, enquadramentos conceituais e filtros operados por seus organizadores. Assim como nos arquivos tradicionais, a curadoria digital também é um ato político e epistemológico, que define o que pode ser visto, quantificado e interpretado, e o que permanece ausente ou silenciado.

Nesse contexto, a função crítica do historiador permanece central e intransferível. Cabe a ele manter o papel de intérprete atento às ausências, aos silêncios e às intencionalidades que atravessam as fontes digitais. Mais do que consumidores passivos de dados, historiadores devem assumir uma postura reflexiva diante das bases de dados: interrogando suas estruturas, questionando seus critérios, cruzando suas informações com outras fontes e situando-as dentro de debates historiográficos mais amplos. Só assim será possível evitar tanto a fetichização tecnológica quanto o reducionismo estatístico e garantir que essas ferramentas, em vez de empobrecer, enriqueçam a complexidade da narrativa histórica.

Considerações Finais

As bases de dados digitais constituem, na contemporaneidade, instrumentos de apoio fundamentais ao ofício historiográfico, especialmente em campos como o da historiografia atlântica, caracterizados por ampla dispersão geográfica, documental e linguística das fontes. Ao organizar grandes volumes de dados, permitir cruzamentos automatizados, criar visualizações interativas e disponibilizar documentos outrora inacessíveis, essas plataformas

ampliam significativamente o escopo das investigações históricas. Funcionam, assim, como dispositivos técnicos e metodológicos que não apenas auxiliam o historiador, mas reconfiguram o próprio processo de produção do conhecimento, promovendo deslocamentos na forma de acessar, selecionar, classificar e interpretar as evidências do passado.

Essa potência instrumental não pode ser dissociada de seus efeitos epistemológicos e políticos. As bases de dados não são meros repositórios neutros de informação: são construções humanas, situadas, atravessadas por escolhas metodológicas, condicionamentos institucionais e desigualdades estruturais que moldam o que é visível, quantificável e narrável. Ao organizar os dados segundo categorias específicas, ao privilegiar determinados arquivos e ao depender, em muitos casos, de acervos digitalizados no Norte Global, essas ferramentas produzem inclusões e exclusões, acentuam silêncios, e por vezes reiteram assimetrias históricas que os próprios estudos críticos buscavam problematizar.

Nesse cenário, impõe-se a necessidade de que os historiadores mantenham sua função crítica e interpretativa, atentos aos vazios, aos silêncios e às intencionalidades que atravessam tanto os documentos quanto às infraestruturas digitais que os sustentam. É fundamental compreender que a digitalização não equivale à democratização plena do conhecimento, ao contrário, ela pode reforçar formas sutis de exclusão epistêmica, sobretudo quando a visibilidade dos dados passa a determinar a centralidade de certos objetos, temas ou sujeitos históricos. Em outras palavras, há o risco de que o historiador deixe de construir perguntas e passe a seguir o fluxo de dados já curado, produzindo, assim, uma história por algoritmos, guiada mais pelo que está disponível do que pelo que é necessário interrogar.

Diante disso, o futuro da historiografia junto ao digital exige a consolidação de espaços de colaboração interdisciplinar, nos quais historiadores, programadores, arquivistas e designers de informação possam construir juntos plataformas mais transparentes, abertas e reflexivas. É preciso pensar criticamente as condições de produção, curadoria e acesso aos dados, de modo a evitar tanto o fetichismo tecnológico quanto a reprodução acrítica das lógicas de exclusão. A historiografia e o digital são, sem dúvida, uma das fronteiras mais promissoras da disciplina no século XXI mas, para que ela realize esse potencial, será necessário enfrentá-la não apenas como solução técnica, mas como problema, que exige vigilância constante, ética interpretativa e responsabilidade política na construção da memória histórica.

Referências

- ALVES, Daniel. As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português. **Ler História**, [S.L.], n. 69, p. 91-103, 30 dez. 2016. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/lerhistoria.2496>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/2496>. Acesso em: 16 nov. 2025.
- BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BERTRAND, Romain. Historia global, historias conectadas ¿un giro historiográfico? **Prohistoria**: historia, políticas de la historia, N°. 24, 2015, pp. 3-20. Disponível em: https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-95042015000200001&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 28 ago. 2025.
- BONCIANI, Rodrigo; VILARDAGA, José Carlos. O Atlântico e as modernidades alternativas. In: MELO ARAÚJO, André; DORÉ, Andrea; SILVÉRIO, Luís Filipe (eds.). **A época moderna**. Petrópolis: Editora Vozes, 2024.
- BOXER, Charles Ralph. **Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola**. São Paulo: Edusp, 1973.
- CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- HOCKEY, Susan. The History of Humanities Computing. In: Susan Schreibman; Ray Siemens; John Unsworth (eds.). **Companion to Digital Humanities**. Oxford: Blackwell, 2004.
- PÉREZ, José Manuel Santos (org.). **Brasilhis Database**. 2025. Disponível em: <https://brasilhis.usal.es>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- PÉREZ, José Manuel Santos (org.). **Brasilhis Dictionary**. 2025. Disponível em: <https://brasilhisdictionary.usal.es/>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, set./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0201>. Acesso em: 17 nov. 2025.
- SILVA, Edson Armando. Bancos de dados e pesquisa qualitativa em História: Reflexões acerca de uma experiência. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2066>. Acesso em: 17 nov. 2025.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. **Imperios em concorrência**: historias conectadas nos séculos XVI e XVII. Lisboa: Imprensa de Ciencias Sociais, 2012.
- TIBBO, Helen Ruth. Primarily History in America: how u.s. historians search for primary materials at the dawn of the digital age. **The American Archivist**, [S. L.], v. 66, n. 1, p. 9-50, 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40294216>. Acesso em: 17 nov. 2025.
- VOYAGES, Slave (org.). **Slave Voyages**. 2025. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org>. Acesso em: 28 set. 2025.

Recebido em: 30 de agosto de 2025

Aceito em: 21 de outubro de 2025
